

Corrente ortodoxa da equipe sai vitoriosa da queda-de-braço

ELIANE OLIVEIRA E REGINA ALVAREZ

BRASÍLIA — A corrente mais ortodoxa da equipe econômica — que inclui o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e os diretores de Assuntos Internacionais e de Política Econômica do Banco Central, Gustavo Franco e Chico Lopes — saiu vitoriosa na discussão sobre a flexibilização do crédito. As medidas aprovadas ontem pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) são muito acanhadas em relação ao que vinha sendo discutido nos últimos dias no Ministério da Fazenda e no BC.

O ministro do Planejamento, José Serra, o presidente do BC, Gustavo Loyola, e o secretário de Política Econômica, José Roberto Mendonça de Barros, defendiam uma liberalização maior do crédito, com ampliação dos prazos de financiamento direto ao consumidor e dos consórcios. Mas prevaleceu a posição de Malan e Franco, que temem que qualquer liberalização resulte em aumento do consumo e da inflação.

Preocupados com a queda nas vendas e o desemprego na indústria paulista, Serra e a ministra da Indústria e Comércio, Dorothea Werneck, ainda tentaram convencer a equipe de que é a hora de afrouxar o crédito e liberalizar consórcios. Mas o aquecimento das vendas em alguns setores, a falta de dados que confirmem a queda de demanda e a grita dos empresários paulistas reforçou a posição de Malan e Gustavo Franco.

O Governo entendeu que não poderia combinar a liberalização dos financiamentos com a queda dos juros, já em curso. Haveria o risco de nova explosão de consumo, principalemtn porque em outubro começa um período em que as vendas aumentam, com o Dia das Crianças e o Natal.



Malan: medidas acanhadas para segurar a inflação



Franco: flexibilização maior poderia aumentar consumo

24-3-95

15-2-95